



As princezas da moda: MADEMOISELLE JANE DANJOU

(Cliché Reutlinger)

Segunda série — N.º 439

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 20 de Julho de 1914

Director e proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre..	1\$20 cent.	Numero avulso
Semestre...	2\$40	10 centavos
Ano.....	4\$80	

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8



Mad.ª LIVIA OTERO em Lisboa

CRÉME BELEZA

Madame Lívia Otero. Tendo feito sobre a beleza e artigos de toilette os mais profundos estudos e experiencias, a minha gentil clientela poderá, por meu intermedio, conseguil-o.

Seio desenvolto, mais forte, mais redondo, perfeito, Ideal, dando ao corpo uma beleza fasciante e uma delicada brancura, poderá tel-o qualquer senhora ou menina com o perfumado **Crème Beleza**. Efeito maravilhoso em 30 dias. Da tambem a face de todos uma formosura sem igual, torna a pele do pescoco e da ca a mais branca, lisa e asselinada, tira as rugas do rosto, sardas, manchas, cicatrizes, panno e todos os sinais das heixias.

Envia-se todas as explicações juntamente **Gratis** as Instruções com fotografias para usar e conselhos uteis, pa a as senhoras e meninas, para se conservarem mais bonitas. Preço de uma caixinha grande de C'eme Beleza com uma caixinha **Gratis** de Pó Dentifrico, 1\$300 réis, e de uma pequena caixinha que serve só para experimentar, 300 réis. Pelo correio mais 25 em estampilhas. —Dirigrem-se a Madame LIVIA OTERO, Rua da Prata, n.º 156, LISBOA.

Livia Otero

A cura dos cabelos e Depilatorio Moderno

Os meus preparados são de surpreendentes efectos, quer para evitar a queda dos cabels os, quer para os fazer nascer e crescer abundantes, fortes e ondulados como os meus. Pagamento depois de obtido o resultado. Explicações gratis, bem como relativamente ao meu Depilatorio modo no, para o radical e completo desaparecimento dos pelos no rosto em cinco minutos, tão eficaz que nunca mais voltam a nasce. —Dirigrem-se a

Madame LIVIA OTERO
Rua da Prata, 156—LISBOA



OS MEDICOS

Aconselham o Phoscao aos debéis, aos convalescentes, aos exhaustos, aos velhos, e aos que sofram do estomago.

Em logar do café ou do chocolate tomae todas as manhãs uma chicara do

PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

O MAIS REQUINTADO DOS ALMOÇOS
O MAIS PODEROSO DOS RECONSTITUINTES
REMESSA GRATUITA

De uma caixa para experiencia

Deposito: **FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcestona (Hispanha)**
Mercearias, Pharmacias e Drogarias

Agencia do SECULO em Paris

8, RUE DES CAPUCINES, 8

(Entre a rua da la Paix e os grandes boulevards)

Telefone—ASCENSOR Endereço telegrafico—SECULO—

PARIS

Salão de leitura—Informações—Publicidade—Hotéis—Viagens—Guias interpretes—Teatros—Relações commerciaes entre a França, Portugal e Brazil—Serviço de compras organizado em condições excepcionaes nas melhores casas de commercio parisienses e em grande numero de fabricas, com as quaes a Agencia está directamente em relações



SELLOS DE CORREO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettem-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

AOS SURDOS

DEFENDEI OS VOSSOS OUVIDOS!

Para ouvir e defender os vossos ouvidos ensurdidos, a medicina é insufficiente: por isso, recorrel ao maravilhoso **Acustione**, cujo valor está consagrado por altas recommendações e eloquentes testemunhos ao seu inv. n.º 1.

De fabricação franceza, não se estragando, este aparelho incomparavel que nada tem de electrico, e para o ouvido obliterado o que a luneta é para a má vista. Nem pesado, nem desagracioso, nem ocupando espaço, usa-se atraz da orelha, sem incomodado nem fadiga, e em todas as circumstancias facilita a audição. Mas ele faz melhor do que fazer ouvir, porque, graças ao seu uso regular, tornando facil pela sua adaptação pratica e dissimulada para todos, o orgão é submetido a uma ginnastica incessante que desperta as sensações auditivas adormecidas e assegura sem remedio e em toda a idade por uma reeducação racional a volta de uma percepção normal e o desaparecimento das perturbações auriculares.

O inventor diplomado, sr. Burg, officia da academia, 34, rua Meslay, Paris, envia gratuitamente a brochura illustrada sobre esta bella invenção aos interessados

TRABALHOS TIPOGRAFICOS — EM —
= TODOS OS GENEROS
OFICINAS DA
ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
— Rua do Seculo, 43—LISBOA —

Colegio Nacional
SANTAREM

Internato de 1.ª classe para meninas. Professores estrangeiros, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc. o o o o o

Miguel Angelo

Todos os dias o telegrafo, com manifesto assombro da gente de bom senso, nos traz as ultimas cotações das grandes obras primas da



pintura italiana, hespanhola e hollandeza. Os Leonardo de Vinci, os Murillo, os Rembrandt atingiram, em leilões recentes, os mais fabulosos preços. O «snobismo» dos arqui-milionarios pagou por centenas de contos o direito de colocar um quadro célebre na cimalha das suas galerias. A exhibição atingiu o delirio. E entretanto, apesar do enxame dos colecionadores e dos «bric-a-braquistas», — despeito da nuvem de «rastas» prontos sempre a cobrir lanços de milhares de francos sobre uma obra d'arte de autenticidade duvidosa, — dão-se ás vezes aberrações de mercado que surpreendem e desconcertam. Ha dias, por exemplo, vendeu-se em Londres um Miguel Angelo, — por cinco libras. E' qualquer coisa de tão espantoso como um Velasquez, — por oito tostões.

Os exames

Estamos no periodo intensivo de exames. A mocidade d'hoje, que constituirá as élites intellectuaes d'ámanhã, fatiga-se, intoxica-se, esgota-se, luta convulsivamente para conseguir n'um mez o que por falta de metodo e de disciplina mental não soube conseguir n'um ano. A «mental strain», consequencia inevitavel dos periodos intensos de preparação, devasta e adocece esses milhares de adolescentes sem persistencia e sem vontade. Não é a luta sobre pela ciencia util; é a caça



preparação, devasta e adocece esses milhares de adolescentes sem persistencia e sem vontade. Não é a luta sobre pela ciencia util; é a caça

vertiginosa ao diploma. Não procuram, pela capitalisação de aquisições scientificas, colocar-se na situação de produzir riqueza e de bastar a si proprios; contentam-se em ir obtendo, nos ultimos mezes de cada ano, pelo sistema tão caracteristicamente latino da «chauffage», essa perigosa mentira universal que se chama — uma carta de curso.

Tumultos

Nos ultimos dias produziram-se tumultos em Lisboa e no Porto. Na capital foi assaltado a tiro um café; na cidade da Virgem as Brownings fizeram afirmações partidarias. E' possivel que semelhantes factos, por todos os motivos lamentaveis, tenham no estrangeiro a ressonancia de movimentos revolucionarios profundos. Aqui, e designadamente em Lisboa, passara m quasi percebidos. Foram pequenos abalos superficiaes, que interessaram



um numero limitado de pessoas, e que nada tiveram de organico ou de estrutural. A agitação politica das facções, aqui, como de resto em todos os paizes latinos e fatigados, tem a particularidade singular de deixar absolutamente indifferente a grande massa da nação.

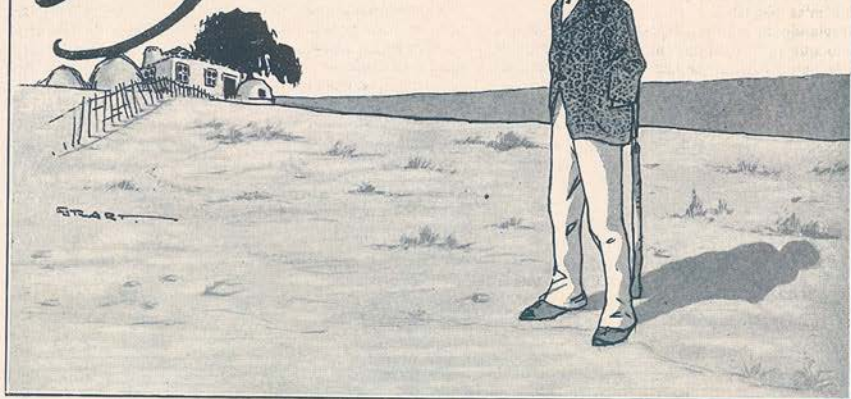
Politica

Parece ter-se posto definitivamente de parte a idéa d'uma convocação extraordinaria do Congresso. A impossibilidade de chegar a um acordo em materia eleitoral, afastou o ensino, que seria excelente, de regular algumas situações dificeis creadas pelas ultimas leis orgâmentaes. Aqueles que não são politicos, queixam-se de que na politica ha ás vezes excessos de irritabilidade que perturbam inutilmente a resolução facil de muitas questões. E' possivel. Como dizia Albert Delpit, «il faut toujours tenir compte de l'opinion des autres, — surtout quand elle est bête».

JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

O Cenio do Bem



Era no campo vasto e fecundo que um abril radiante vestira de galas multicôres e polvilhára de ouro luminoso. Os rebentos das arvores pareciam abrir corações cheios de ternura e entregá-los, com volúpia, aos beijos do sol e ás misteriosas carícias da aragem primaveril. Do céu imenso, descia um véu anilado — gaze muito fina.

Acabado o almoço, e ainda a esfuracar os dentes, o sr. Marcolino disse á filha que ia passeiar. Ela, atarefada, escusou-se: desculpasse-a, não podia acompanhá-lo — tinha uma galinha no chôco e os ovos já «buliam». O lavrador sorriu, sorriso indulgente de creatura compassiva, e, em passo firme, solido, hieratico, meteu no carreiro que se estirava direito á povoação.

Ninguém diria, ao vê-lo, que o sr. Marcolino dobrára os setenta. Alto, robusto, desempenado, grossas espaduas e tronco de gigante, o unico sinal d'aquela idade avançada surdia-lhe dos fios brancos do cabelo, que usava rente, aparado em escova.

D'uma bondade inesgotavel, a radiar da sua pessoa como as projeções d'um farol, todas as misérias o sensibilizavam, todas as desgraças o enterneciam. Para ele, que tambem fôra pobre e empurrado pela adversidade, e bastante gemera no esforço titanico de conquistar o desafoego em que vivia, nenhum delicto merecia castigo, mas o perdão absoluto, o orvalho benéfico capaz de germinar sentimentos de perfeição em almas aparentemente estereis.

A Justiça — bela coisa para os teóricos — não o satisfazia quanto á eficacia da sua applicação. As multas, as prisões, o degredo, a Penitenciaría, quaesquer das penalidades vibradas pela sociedade enfurecida — e reputadas necessarias como exemplo, ameaça ou correção — só deixavam, afinal, no animo do criminoso, o desejo irresistivel de cometer infrações ainda maiores, de replicar com um desafio formal, ao rigorismo, á tirania da lei...

E não seria melhoi pegar nos ladrões e nos as-

sassinoss, levá-los a um campo formoso, mostrar-lhes essa formosura, fazer-lhes gosar o inimitavel prazer d'um dia de sol claro e rutilo, e por ultimo, exortá-los a contemplarem o meigo despertar das flôres acordando, sem bocejos, d'um sonho delicioso?

Na opinião honesta e simples do sr. Marcolino, os tribunaes, a existirem, deviam sempre instalar-se, como o de S. Luiz, á sombra protetora de arvores frondosas, e porque os rouxinões e os pintasilgos viriam, expontaneamente, ao recinto da audiéncia e, na sua pipilada tagarelice, decerto inspirariam aos julgadores idéas sensatas e de generosa amoralidade.

Favorecido pelo passeio, demorado e sadio, o lavrador, embalado n'estes e n'outros pensamentos benevolentes, ia, de caminho, fazendo a digestão. A espaços, parava e colhia com a mão forte e cabeluda folhas tenras de carvalho ou de olmeiro, espremia-as entre os dedos e respirava-lhes o aroma com desvanecimento, inebriado pelo contacto d'essas nervuras estuas.

A temperatura estava morna. Um lagatto minusculo, aquecido aos raios do sol, pousava a guela sofrega e os olhitos semi-cerrados na beira de uma fenda. O sr. Marcolino teve uma quebreira do corpo; e descobrindo, a curta distancia, um tapete de herva fresca, para lá foi estender-se, o largo chapéu de feltro caído sobre o rosto, os braços compridos e musculossos abertos em cruz. Ao cabo de minutos, dormia como um bemaaventurado.

De repente, uma pressão muito ligeira do lado do coração — mão furtiva e cautelosa que se lhe introduzia no bolso do casaco... Mas não fez grande caso e ia até a voltar-se para continuar o sono interrompido, quando sentiu a mesma coisa nas algibeiras do colete e uma pressão violenta na cadeia do relógio. Sensivelmente perturbado, abriu os olhos e soltou um grito: na sua frente, viu um garoto disposto a roubá-lo.

— Eh! patife!...

E n'um movimento rápido, levantando meio corpo, apanhou o braço do desconhecido, e segurou-o com firmeza nos pulsos de ferro.

— Querias então exercer a tua industrial... Vamos, passa para cá a carteira!...

O garoto, sem dizer palavra, abriu uma navalha e, com a mão que lhe ficava livre, esgrimia, procurando atingir a barriga do lavrador.

— Ah! sim? — rugiu ele, pondo-se de pé — Agora é que m'as pagas!...

E desviando os golpes, atirou ao garoto tamanho soco que o fez cair, enrodilhado, sobre o tapete da herva fresca. Depois, como percebesse que o soco não bastara a contel-o em respeito — o garoto, recompondo-se, tornara a empunhar a lamina e a esgimir — prendeu-o pelo pescoço, desarmou-o, arremessou a navalha para um baranco proximo e vendo-o succumbido, arquejante, falto de forças, assentou-o aos pés, começando um interrogatorio severo, furioso:

— Quem és tu?

— O que?

— Não me mande para a cadeia... Foi a primeira vez que tentei roubar. Sou muito novo... apenas dezeseis anos. Tenha dó, meu senhor, tenha dó!...

O lavrador ficou-se silencioso. Efetivamente, era uma creança que tinha nas mãos e uma creança que tremia como varas verdes sob a impressão da rudeza brutal que experimentara. Já não arvora a petulante arrogancia do insubmisso, do indisciplinado; transparecia, singelamente, o horror do vencido, que se arreceia da integridade da pele e está disposto a tudo para conservar-a. Os seus olhos azues, do azul que reflecte inocencia, não se despejavam do sr. Marcolino e cerravam-se de vez em quando, nervosos, medrosos, sempre que ele fazia qualquer gesto com as mãos grossas e cabeludas.

— Socega, não te mato — afirmou o lavrador, contentando-se em segural-o para evitar que o garoto fugisse — Quantas vezes já foste condenado?



— Para que quer saber-o?

— Andas, talvez, fugido da prisão...

— O que tem com isso?

— O que tenho? Vou mandar-te para lá outra vez!

— E o mesmo. Hei-de sahir e tornar a encontral-o.

— Não será muito facil... E na prisão perderás a vontade de assassinares o teu semelhante! Quantos anos tens?... Quinze?... Sim, pouco mais... Tão novo!...

— Sou novo, sou, mas farto da vida.

— E quem te faz sofrer?

— Toda a gente... todos os que nos desprezam, porque somos miseraveis e morremos de fome!... Ah! mas a justiça não dorme.

— Bem sei. Não tarda que a vejas.

— E terei castigo rigoroso?

— Conforme... vou entregar-te á autoridade e ela que te dê o destino conveniente.

Ouvindo estas palavras, o garoto protestou n'uma voz sufocada:

— Oh! meu senhor, não faça isso!...

— Nenhuma.

— Sério?... Sim, é possível... Mas, vaes selo d'aqui a dias.

— Creia, meu senhor, nunca fui criminoso. A fome e o desespero é que me arrastaram a isto... Trazia o estomago a dar horas quando o vi ressonar, deitado na herva...

O lavrador baixou a cabeça e acrescentou quasi amigavelmente:

— Na cadeia vão dar-te de jantar.

Durante algum tempo, andaram, calados, por entre as arvores, ouvindo o gorgoejo dos passaros que saltavam de ramo em ramo. Por fim, o sr. Marcolino inquiriu do garoto:

— Nunca procuraste trabalho?

— Procurei, sim senhor.

— Aqui, n'estes sitios?

— Não senhor, aqui não procurei. Demais, o que é que eu podia fazer?

— Muita coisa. Por exemplo: trabalhar no campo.

— Cavador?

— Seja. Chamemos-lhe assim. A palavra não sóa lá muito bem? Paciência... é uma profissão como qualquer outra. E não queres ser cavador?

— Da melhor vontade; estes sítios são tão lindos?...

— Lindíssimos!...

O garoto olhou á sua roda, demorando-se nos campos verdejantes que se alongavam na frente — as vinhas e os arvoredos, as colinas salpicadas de casinhas brancas, os terrenos férteis e embalsamados. Ao fundo, pela abertura de um vale, divisavam-se altas montanhas, vagas, indefinidas, como n'uma região ideal da cor do céu. O garoto embasbacou, pensativo, uma sombra de melancolia a pairar-lhe nas faces.

— O peor — disse ele — é se não sei trabalhar.

— Trabalhar, o que?



— Trabalhar no campo, fazer tudo o que me mandarem...

— Nada mais simples. Logo de começo, guardas o gado, empregam-te em coisas sem importancia e vaes vendo o serviço dos outros... E' convecção minha que assim entras facilmente no bom caminho. Com certeza não nasceste vadio e mal comportado... Interesse-me por ti. Se aproveitares os meus conselhos, eu mesmo te arranjaré colocação. Tenho acolá, adiante, uma quintarola que precisa de um vaqueiro, de um rapaz socegado e cauteloso. Ali, dão-te de comer. Não tens bifes; mas dão-te sopa, um pedaço de pão, vinho, tens cama e roupa. Queres experimentar?

O garoto poz-se a refletir. A respiração acelerava-se-lhe, o peito arfava-lhe com ansiedade.

— E se eu aceitar, o senhor perdoa-me?

— Perdoo-te.

— Não me manda para a cadeia?

— Se te portares bem...

— Então, conduza-me a sua casa.

O lavrador arripiou caminho e, em poucos minutos, ele e o garoto encurtaram a distancia que os separava da quinta.

A cada passo dado, o panorama desenrolava-se mais extenso, de mais sedutora impressão. Ao longe, as montanhas pareciam subir a alturas desmedidas e do lado de oeste os trechos de um rio cintilavam á luz do sol como fragmentos de gelo pólido.

Comtudo, o garoto não dava fé d'estas coisas. Os olhos velavam-se-lhe de tristeza, o rosto tornara-se-lhe de uma palidez cadaaverica e as pernas curvavam de fraqueza. Dir-se-ia prestes a desmaiar.

— Que tens? — perguntou-lhe o sr. Marcolino.

— Nada — respondeu ele n'um suspiro.

Mas, á desmentil-o, apareceu-lhe, n'esse instante, aos cantos da boca, uma espuma avermelhada, sanguinolenta. O lavrador recordou-se de que batera demasiado n'essa creação, que não comia desde á vespera...

— Tens a cama feita? — exclamou, avistando um creado que saia de casa.

— A's ordens...

— E caldo bem quente?

— Ha vinho...

— Depressa, um copo, e chama o doutor.

Momentos depois, o garoto descançava na melhor cama da casa, um leito que era um monumento e onde o seu corpo franzino se abismava com regalo. Um copo de vinho branco, escorrendo pelo esofago como um balsamo, agitava-o chamando-o á realidade, colorindo-lhe a pele, dando-lhe aos olhos um brilho extraordinario. Principiou então a coordenar os pensamentos. Lembrou-se de que tinha na sua frente um homem, um hercules, que, pouco antes, tentara roubar e assassinar. A seguir, fixou a porta entre-aberta e, instintivamente, juntou as mãos debaixo dos lençoes, como fazia outr'ora quando sua mãe lhe repetia a oração da noite... Uma rapariga adoravel, de rosto moreno, em «toilette» de verão, com flores campestres nos cabelos, inclinava-se curiosa, abrindo para ele dois olhos grandes, muito claros, olhos perturbadores como negas de céu bem iluminado.

— Ah! és tu! — fez o lavrador, voltando-se para ela.

— Ha uma hora que ando a procural-o. Onde foi hoje o passeio?...

O garoto comprehendeu estas palavras — comprehendeu quem era essa menina tão bonita, cujos olhos tornavam, por segundos, a defrontar-se com os seus, e que se afastava discretamente, vagorosamente, á espera que o sr. Marcolino saísse do quarto. Fechou as palpebras, a concentrar a visão radiosa, sublime — e depois dirigiu-se em voz baixa ao lavrador, que ainda lhe não abandonara a cabeceira:

— Por favor... Na algeibra das calças, a do lado direito, está uma coisa que lhe pertence...

— Um botão dos punhos... Tirei-o enquanto o senhor estava a dormir...

E todo ruborizado de vergonha:

— Não diga nada... peço-lhe... não conte a ninguém o que se passou...

O sr. Marcolino prometeu solenemente:

— Não digo, não... fica descançado.

E sahiu do quarto, a juntar-se á filha. Esta tornou a olhar pela porta entre-aberta, mas o garoto já dormia a sono solto e não a viu.

JORGE DE-ÁBREGU.

O comício na Avenida Almirante Reis



Os srs. Camilo Rodrigues, Jullo Martins e Estevão Pimentel depois do comício



Um aspeto do comício.—(«Clichês» Benoliel).



A chegada do sr. dr. António José d'Almeida ao Porto: O chefe evolucionista saudando o povo diante da gare de S. Bento

Concurso hípico em Coimbra

O concurso hípico que se realizou em Coimbra atraiu, como sempre, uma numerosa e elegante concorrência. Tornou-se já um divertimento da melhor sociedade essas interessantes provas desportivas nas quaes tomam parte muitos dos mais conhecidos cavaleiros civis e militares que são sempre muitíssimo aplaudidos.

No concurso ultimamente realizado



1. Um belo salto.

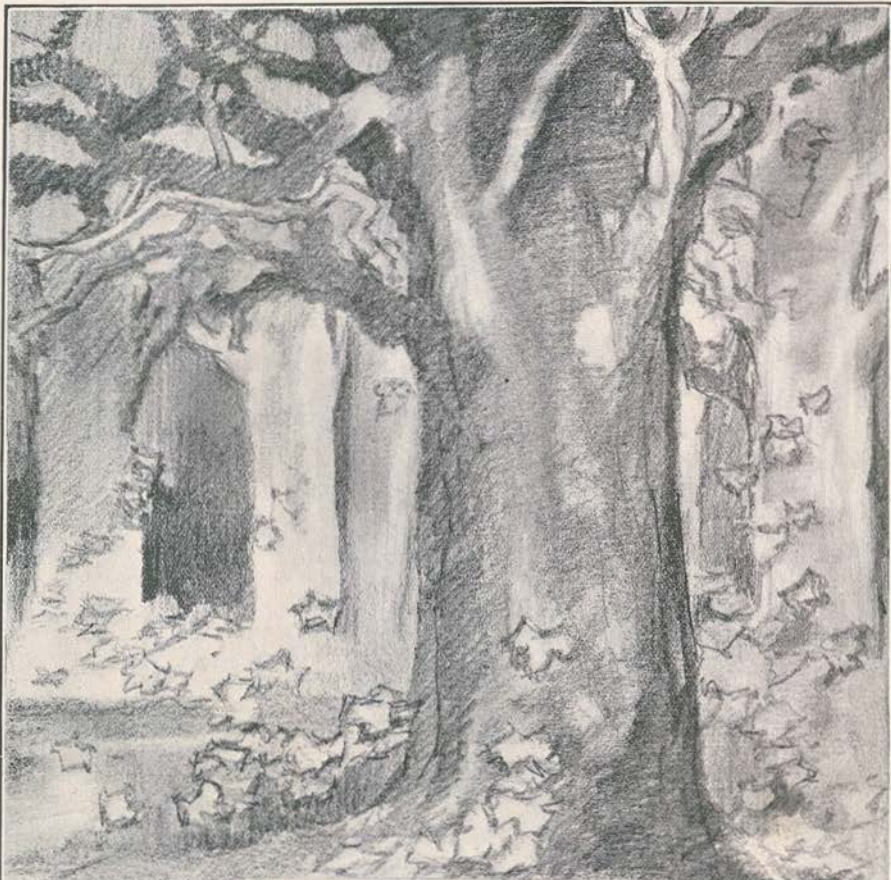
2. Sr. Guimarães no salto da banquetta.



continuou-se a brilhante tradição das vitórias dos outros percursos hípicos sendo distribuídos valiosos prémios oferecidos pela comissão promotora das festas desportivas que tanta sensação causaram em Coimbra.



O tenente sr. Oliveira n'um salto de vala. - («Clíchés» G. J. Tinoco).



Resurgi!

As folhas dormem sobre o pó da estrada
O seu tranqüilo e duradoiro sono,
Folhas douradas como o sol d'outono,
Folhas hirtas, tranzidas da geadá.

Quando o vento perpassa rijamente
Levanta-as n'uma doida coiteria,
E, até caírem sobre a terra fria,
Elas cuidam que vivem novamente.

E ficam-se dormindo sobre a estrada,
Na saudosa tristeza do abandono
Até que volte a perturbar-lhe o sono,
A violenta carícia da rajada.

Folhas velhinhas, de perdida côr,
Dormi tranqüilas sobre a terra iriá,
Que haveis de renascer de novo um dia,
E reflorir n'um novo tronco em flôr!

JOSÉ CELESTINO.

STUART.

HORAS TRANQUILAS FALANDO COM A ASSINANTE N.º 1 DO „SECULO”

Recordações tristes do passado e alegrias do presente—Uma família de leitores das publicações do SE-CULO—Infância e velhice.

«A assinante n.º 1 do «Seculo» é a sr.ª D. Virginia de Castro e Silva, moradora na Avenida da Boavista, 281, d'essa cidade; talvez melhor, viuva do primeiro assinante.»

Começava assim, textualmente, a carta em que me era confiada a missão, agradável e honrosa, sem duvida, mas não isenta de melindres, de me avistar com uma senhora que não conhecia, e cujo viver íntimo e tranquilo era obrigado a devassar, trazendo o que visse e observasse para a luz indiscreta da publicidade.

Mas o assunto era interessante. Lêr um jornal desde o seu início, e figurar como numero um na lista dos seus assinantes, durante trinta e quatro anos de existencia, não é certamente um facto banal nem vulgar. Ele constitue, só por



1. Sr.ª D. Virginia de Castro e Silva esposa do sr. Alberto José da Costa. 2. Sr. Alberto José da Costa.

desenvolve, desaparece e se renova—preso, concatenado por elos infrangíveis de continuidade que aos seres que se perdem unem os seres que se formam: o trabalho, o espirito de sacrificio, a simpatia pelo ideal defendido, a serie ininterrupta de habitos que se vão adquirindo e que geram, pela sua sequencia, uma especie de necessidade organica.

Lêr um jornal durante trinta e quatro anos é conquistar um amigo muito íntimo e querido, verdadeiro e leal confidente das nossas dôres e maguas, das nossas tristezas e desalentos, dos nossos desanimos e canceiras, e tambem um



A sr.ª D. Virginia de Castro e Silva falando com o representante da «Ilustração Portuguesa».

companheiro inseparável nos momentos de prazer e de alegria, nas grandes festas de família, nos dias ruidosos e agitados que ha na existencia de todos os individuos, por mais modesta, por mais recatada que ela seja. E depois a gente acostuma-se a compartilhar tambem, de tanto que a ela se afeição, das dificuldades, dos progressos e dos triunfos d'essa extranha entidade que nos subjugamos e nos domina, que comoscó se encarna e nos vae contando por sua vez, quasi insensivelmente, os seus motivos de queixa, de amargura ou de satisfação, as suas horas de tortura inaudita, de profunda commoção e de entusiasmo ardente.

Cogitando n'estas e n'outras coisas, dirigime, por uma tarde dos ultimos dias de junho, á Avenida da Boa-Vista.

Calor sufocante. Nuvens acobreadas, escuras, d'um cinzento pallido ou de bronze fundido, adensavam-se no espaço, em que punham grandes laivos sinistros, n'uma promiscuidade de tons arreliadora e obsediante, ameaçando trovada proxima. O sol, a intervalos, dardejava sobre a cidade agonisada chamas de metal candente.

A Avenida da Boavista, que dois longos renques de platanos ensombram,



Menino Francisco Alberto, neto da sr.^a D. Virgínia de Castro e Silva

marginada por magníficos edificios, quasi todos de construção moderna, é das mais extensas, mais amplas e mais elegantes arterias do



Sr.^a D. Virgínia de Castro e Silva e seus netinhos Raul e Rogerio.

Porto, tendo ao centro, a embelezal-a, uma enorme rotunda, onde vae ser erigido o monumento da Guerra Peninsular.

O predio n.^o 281 fica logo ao principio da Avenida, quasi em frente do hospital militar.

E a primeira pessoa que me recebe, afavel, sorridente, carinhosa, é a propria sr.^a D. Virgínia de Castro e Silva. Estatura regular, formas proporcionadas, um rosto extremamente simpatico e que n'outros tempos deve ter sido formoso, illuminando-o um olhar candido, quasi ingenuo, suave e meigo, um olhar cheio de bondade e de ternura, denunciador d'um coração purissimo, d'uma alma cristalina, d'uma consciencia sem mancha.

A idade? A uma senhora nunca se pergunta a idade. Mas devem ser uns sessenta annos bem conservados, quasi frescos, pujantes ainda de vida.

Entrámos logo no motivo da entrevista.

—Efetivamente, meu marido assinou o «Seculo» desde que ele começou a publicar-se. Ha quantos annos isso vai...

E por aquele rosto, ha pouco ainda tranquillo, uma nevoa de pesar perpassou, enrugou-o um artepio de tristeza —a recordação saudosa d'outros tempos, das



Sr. Francisco Soares Mergulhão e sr.^a D. Adélia de Castro Mergulhão, filha da sr.^a D. Virgínia de Castro e Silva

horas de sonho, de febre e de paixão, que repentinamente lhe roçava a memoria sem duvida cançada, sem duvida pouco desejo-



Menino Alvisio Pedro Mergulhão, neto da sr.^a D. Virgínia de Castro e Silva.

sa de ressuscitar reminiscências do passado, sempre contrastantes e dolorosas. E concentrou-se assim alguns momentos, n'esse tormentoso reviver agri-doce dos idos tempos.

—Que idade teria o

terrada entre montanhas, com meios de comunicação difíceis, mas de relativa importância, pelo seu commercio e pela sua agricultura. Filho de gente limpa e honesta, mas pobre, aos 14 anos emigrou para o Brazil, onde, á custa d'um trabalho insano, d'uma



Sr. Alberto José da Costa, 1.º assinante do «Seculo», retrato tirado em 1880.

marido de v. ex.º quando assinou o «Seculo»?

—...A vêr se me recordo...

E enquanto ella divaga pelo passado, n'uma evocação lenta e aspera, vou tomando notas rapidas:



A sala de visitas na residencia da sr.ª D. Virginia de Castro e Silva.



A casa n.º 281 da Avenida da Boavista onde reside a sr.ª D. Virginia de Castro e Silva.

atividade prodigiosa, d'uma honestidade inconcussa, conseguiu, na provincia do Ceará, reunir razoaveis meios de fortuna, durante 22 anos de labuta. Casou com a sr.ª D. Virginia de Castro e Silva em 1878, talvez com uns 40 anos de idade, já quando começava a gosar o fruto do seu trabalho. Dois anos depois assinava o «Seculo».

—Era o jornal que elle mais estimava, diz-me agora a minha entrevistada. Era o seu companheiro inseparavel. A' cabeceira da cama, á mesa de jantar, sobre o sofá em que descansava, nas almofadas das carruagens em que fazia viagem, o «Seculo» seguia-o sempre, porque o distraia, porque o informava de tudo, porque lhe falava ao coração e ao espirito. E eu mesma, que nunca fui uma apaixonada da leitura—mulher de casa que outros afazeres preocupam—acostumei-me, comtudo a simpatisar com um jornal que meu marido a todos preferia, e leio-o ainda hoje, de preferencia tambem a todos os outros.

—E que impressões mais vivas conserva da leitura do «Seculo», campanhas que elle sustentasse, folhetins que tem publicado...

—A vida politica, a vida do paiz, eram coisas que me interessavam só de momento, e pelas relações que podiam ter com a minha vida familiar. Não me recordo, não... Dos folhetins gosto muito, tenho gostado sempre muito... Mas cital-os!...

«Olhe, aqui tem outra leitora do «Seculo» minha filha...

Alberto José da Costa era natural da freguezia de S. Cosmado, concelho de Armamar, provincia do Douro. E' uma terra en-

Tive de cumprimentar:

— A sr.^a D. Amanda de Castro Tavares, esposa do ilustre capitão da guarda republicana, sr. Raul Tavares, que ha poucos dias embarcou para Africa. Tem dois filhos, duas creanças encantadoras, Raul, de 4 anos, e Rogerio, de 2 anos.

A sr.^a D. Amanda é tambem uma leitora assídua do «Seculo». Os folhetins, tem gostado de todos. Mas «A Heroína,» por exemplo, impressionou-a profundamente.

E a mãe d'ela atalha:

— Mas quem gosta do «Seculo» a valer, é a outra minha filha, a mais velha, Adelia de Castro Mergulhão e tambem o marido, que é negociante em S. Cosmado. Esses assinam o «Seculo» a «Ilustração Portugueza e o «Seculo Comico.» Já vê que é uma familia de leitores das publicações do «Seculo»

Percebia que a minha missão estava cumprida. Mas precisava de dar ainda um ultimo incomodo, a quem de tantas finanças e atenções era já devedor: alguns cli-chés, em atitudes diferentes da sr.^a D. Virginia e de sua familia. Entrava agora o fotografo em acção, E partimos para o jardim, nas trazeiras da casa.

O perigo da trovoada passara. O sol, mais bran-

do, quasi agonisante, envolvia n'uma caricia tepida as plantas e as rosas que se entrelaçavam ao longo dos canteiros floridos.

E foram dos momentos mais agradaveis esses que se passaram ali, á sombra d'uma alta palmeira, enquanto a objectiva completava a sua obra de indiscreção, e as creanças traquinavam pelos arruamentos do jardim irrequieta, garrulas, como avesitas que saíssem do ninho, fão formosas como os botões de rosa que, pelos cantei-

ros, sorriam sregamente e os ultimos beijos do sol.

Foi assim que eu me despedi, agradecido da sr.^a D. Virginia de Castro e Silva, cuja velhice remoçava ao contacto d'aquellas duas vidas a abrir — os netinhos que ella adora, e que algum dia ainda serão dois novos leitores do «Seculo.»

E vim pedindo a Deus que mais tarde, se eu chegar a ser velho, tenha assim a desdentar-me os labios a ambrosia doce d'uns beijos de creanças, que sejam tambem meus netinhos, e tambem filhos d'um outro Raul



Sr.^a D. Virginia de Castro e Silva tendo á direita sua filha D. Amanda de Castro Tavares, á esquerda sua sobrinha D. Maria Eduarda Castro e Silva; de pé sua sobrinha, D. Elvira Castro e Silva, á frente os seus netos Rogerio e Raul filhos da sr.^a D. Amanda de Castro Tavares e do capitão sr. Raul Tavares.—(«Cli-chés» Alvaro Martins).

que é já a vida da minha vida...

Porto, 1—VII—914.

SOUSA MARTINS.

Os herdeiros do trono d'Austria



O arquiduque Carlos João e a arquiduqueza Zita de Bourbon e Parma e seus filhos

Casamentos elegantes



1. O casamento da sr.^a D. Maria Adelaide da Silva e Brito e do sr. dr. João Rodrigues Fontes em S. Sebastião da Pedreira.—2. O casamento do sr. dr. Natário d'Alpoim Sá Coutinho com a sr.^a D. Natália Pereira d'Eça, filha do sr. ministro da guerra, saindo da igreja de Santa Engracia.

Torneio de tiro aos pombos na vila da Feira



Os torneios de tiro aos pombos tem tido no paiz inteiro uma grande frequencia d'atiradores, chegando a constituir-se esplendidos clubs, á semelhança do que existe na Tapada d'Ajuda, n'algumas terras mais im-

portantes do paiz e que atraem amadores de diversos pontos.

Foi o que succedeu ha dias com o torneio realiado na vila da Feira na qual atiradores distintissimos mostraram a sua pericia.



1. o sr. visconde de Fijo alvejando um pombo, tendo ao lado o diretor de tiro, o sr. Alvaro Lambertini de Magalhães.—2. Os premios e um trecho da assistencia.



O CENTENARIO DA REUNIÃO DA REPUBLICA DE GENEBRA AOS ESTADOS CONFEDERADOS DA SUISSA

Uma linda cerimonia de pura evocação historica se realizou ha dias no formoso cantão de Genebra, cujas tradições remotam a epochas tão distantes e cuja ancia d'independencia se marca atravez dos tempos d'uma forma

ser reunida já á poderosa confederação helvetica quando os francezes, no seu passeio triunfal pelo mundo, depois de proclamada a republica, fiseram de Genebra a capital do cantão de Lewan.

Napoleão conservou assim a terra onde a revolta dia a dia germinava.

Mas o imperio era forte, dominava a Europa e não podia partir d'um pequenino povo esse levantamento contra o Cesar moderno.

No emtanto, quando da campanha de Saxe, á medida que os prussianos, austriacos, saxonios e mesmo os napolitanos de Murat se sublevavam, a Suissa deixava-os passar pelo seu territorio, acabando assim de ser paiz neutro então e ainda hoje como tal conside-



Granadeltos e musas esperando a chegada dos barcos dos confederados

vivamente flagrante.

Assim que um estrangeiro dominava o cantão, onde tantos homens ilustres nasceram, logo impetuosamente eram escorraçados desde as epochas de Cesar ás de Calvino em que a Reforma deu a mais completa emancipação á Republica.

No fim do seculo XVIII aliada a Berne, ia



Os generaes e as tropas aclamando os suissos á sua chegada a Genebra

rado. Após a abdição de Fontainebleau em 1814, Genebra reuniu-se novamente à confederação helvética e foi esse facto histórico que ha dias se celebrou, com todo

era bem a reconstituição do passado que ali se celebrava, evocando as dôres da sujeição e logo a hora alegre em que ao som das musicas chegavam os dele-



1. Granadeiros e elegantes durante um intervalo da «Festa de Junho».—2. Grupo de generaes e damas aclamando a chegada dos barcos onde vinham os conferados.—(«Clubs» M. Branger).

o rigor e no meio do maior cerimonial.

As fardas, as dragonas, os chapéus, as espadas, as bandeiras esvoaçantes, tudo isso

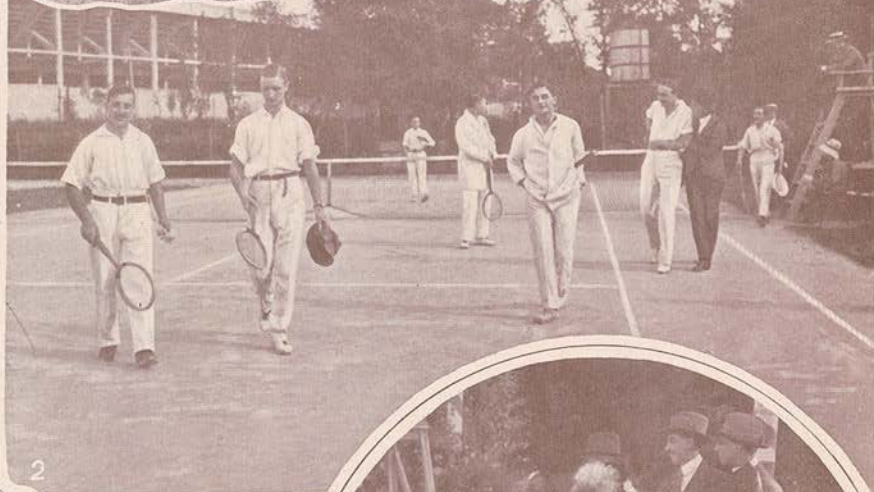
gados da Confederação e com eles a liberdade que jamais desaparecerá n'esse cantão hospitaleiro, lugar de refugio de todos os perseguidos políticos.



Law-Tenis

O CAMPEONATO DE ROMA

Em Roma, como já sabem os leitores habituaes da «Ilustração Portugueza», as damas verdadeiramente elegantes e distintas, que fazem vida mundana, cultivam com grande «aficion» todos os «sports». Assim, quando o «Hipodromo dei Parioli» está livre, porque o tempo das animadas corridas de cavalos passou, na pista costumam realizar-se magnificas partidas de «Law-tenis».



1. Descançando e aguardando a continuação do jogo.—2. N'um intervalo da partida.

Foram interessantissimas as fases de uma d'essas memoraveis e aristocraticas partidas — aquela em que foi disputado, e com singular entusiasmo, o chamado «Campeonato de Roma».

O «law-tenis» é considerado um jogo higienico e elegante em todos os grandes centros. Roma, que é uma esplendida e bela capital, onde, para mais, abundam os estrangeiros, principalmente os inglezes, alemães e americanos em viagem instrutiva ou de simples prazer, atraidos irresistivelmente pelas suas incomparaveis preciosidades artisticas, não podia deixar de incluir o movimentado e higienico «law-tenis» no numero dos seus jogos prediletos.

O «Campeonato de Roma» foi agora dispu-



Um dos jogadores ouvindo elogios das damas e respondendo-lhes com amabilidades n'uma posição um tanto Incomoda.



1. Aguardando a chegada dos jogadores.—2. Um aspeto da assistência elegante.

tado — nunca é demais dizel-o — com grande «entrain» por varias damas da melhor sociedade e muito formosas.

Algumas d'essas formosas damas, já bastante conhecidas nos melhores centros sportivos, mais uma vez confirmaram a sua extraordinaria

pericia e dextreza manejando a raqueta; outras, sem taes predicados, surpreenderam a numerosa assistencia pela sua desenvoltura, graça e distincção, pois, como observa um illustre critico fiancez, autorisado em «sport», «a desenvoltura, a graça e a distincção, se existem na mulher, revelam-se admiravelmente n'uma partida de «law-tennis». O homem, até mesmo quando escreve sobre materia tão prosaica como a que se relaciona com o «sport», é sempre um «eterno feminino!»...

Não lhe roguem, pois, uma praga as gentis leitoras nem lhe chamam indiscreto, porque ele, francamente, não merece tal epíteto. Lembrem-se as gentis leitoras de que o critico deve

ser sincero, embora, como o Eça, cobrindo a nudez forte da verdade com o manto diafano da fantasia... Basta, porém, de divagações.

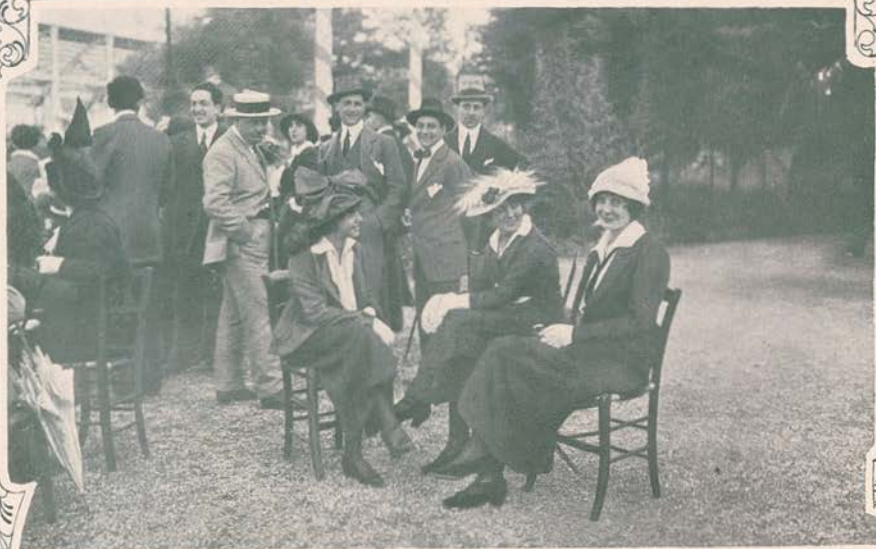
Os leitores da «Ilustração Portuguesa» sabem, com certeza, ua que consiste o movimentado jogo «law-tennis». Dispensamo-nos, portanto de o descrever e

explicar. Lisboa, que tambem é, como Roma, uma grande cidade (embora o patriotismo d'alguma gente portugueza o conteste, talvez porque nunca viajou senão atravez as paginas de qualquer escritor «snob», ou debruçado das janelas d'um comboio em marcha), Lisboa, repetimos, já iniciou ha muitos anos, e brilhantemente, como uma das manifestações da sua já invejavel vida mundana, as partidas de

«law-tennis». Limitamo-nos hoje, por consequencia, a chamar a atencção dos nossos amaveis leitores para a reportagem fotografica, que um amigo da «Ilustração Portuguesa» se lembrou de oferecer-lhe e que se nos afigura cheia de palpitante interesse.



O grupo de vencedores do campeonato de Roma deante da objetiva do fotografo antes da partida final.



Quem não joga conversa e comenta

FIGURAS E FACTOS



1. Aspêto do «pic-nic» realisado no parque da Casa da Loenga, propriedade do sr. D. Alexandre de C. Azevedo Melo e Faro, em S. Martinho de Mouros.—(Clichê do distinto amator sr. Augusto Maximo do Nascimento e Silva)

2. No lago da quinta—(Clichê do sr. José Augusto da Encarnação)

Na risonha e pitoresca povoação de Valadares, Gaia, realçou-se ha dias a graciosa festividade do Senhor dos Afliitos, que teve extraordinaria concorrência de forasteiros.

O povo do norte continua em constante debandada para as suas romarias prediletas. Hontem foi o S. João em Braga, o S. Torquato em Guimarães, hoje é o senhor dos Afliitos em Valadares, amanhã o



1. Romaria do Senhor dos Afliitos.—2. Na romaria: Dois namorados

(«Gilchês» Alvaro Martins).

S. Bento das Peras em Rio Tinto, a Senhora do Amparo na Maia, e mais tarde virão a Senhora do Pilar, a Senhora da Agonia, a Senhora da Abadia, todas essas festas que o povo conhece pela denominação generica de Senhora de Agosto.

E vão lá dizer áquella gente que os chefes políticos andam n'uma azafama endemoninhada por causa das proximas eleições!...



3

Uma burricada no Bussaco.

homens voltaram por instantes aos tempos descuidados e ingenuos da juventude, sorvendo em haustos de saudade, n'uma evocação encantadora, as deliciosas recordações dos tempos idos, quando a vida se entretecia de quimeras e de sonhos, alheados n'essa consolação espirital que nos traz o esqueci-

Jantar de confraternização

Ha pouco, no Bussaco — essa esplendida maravilha da arte e da natureza — reuniu-se em festa íntima o curso medico da Escola do Porto de 1903, em que figuram vultos destacantes na politica, na ciencia e nas letras. Alegres, contentes, despreocupados, todos esses



Os medicos que se reuniram no Bussaco n'um banquete de confraternização. Da esquerda para a direita: 1.º plano srs. Pereira Lobo, Coelho Monteiro, Rufino Cardoso, José Leite, Hermenegildo Tavares, Nogueira Gonçalves, Alberto Ribeiro, Francisco Castro, Manuel d'Oliveira, José Silveira, Pereira Dias e José Leitão, 2.º plano srs. José Maria Soares, Teixeira Ribas, Machado da Silva, Antunes d'Azevedo, Madureira Guedes, Costa Soares e Faria Carneiro.



4

Na Cruz Alta

mento das lutas asperas do presente. Depois de percorrerem a grande mata, estonteados pelo deslumbramento da paisagem, os olhos absortos na luz do sol e a alma embebida no silencio da sombra, correndo e brincando como crianças, reuniram-se todos n'um jantar de confraternização que decorreu no meio do maior entusiasmo.

Cento e dezoito anos! E' toda uma evocação dos velhinhos bíblicos, que muito sabiam porque muito tinham visto nas suas longas edades. Pois com cento e dezoito anos existe, perto d'Amarante, Josefa de Sousa, tendo o uso de todas as suas faculdades, faltando-lhe apenas um pouco a vista. Caminha arrumada a um pau e passa muito tempo junto á lareira olhando por um seu bisneto enquanto a familia anda na labuta.



De quando em quando apetece-lhe fiar; tem saudades da sua roca e vae para lhe pegar mas o seu neto, que conta 45 anos, não lh'o permite desejando-lhe a tranquillidade e que mais se prolongue a sua existencia.

N'um pequeno logar do concelho d'Amarante este grande exemplo de longevidade afirma a robustez d'uma raça e conserva bem nitidas todas as recordações do seu passado.

A cen'taria Josefa de Sousa, d'Amarante



O funeral do guarda fiscal assassinado na ponte D. Luiz, em Gaia.— («Cliché» Alvaro Martins).

Foi uma eloquente e significativa manifestação de fé republicana o funeral importantissimo, realisado no Porto, do guarda fiscal José da Cruz, assassinado a tiros de pistola junto ao taboleiro superior da ponte D. Luiz I, em Gaia. No cor-

tejo funebre incorporaram-se milhares de pessoas, entre as quaes se destacavam as autoridades civis e militares, officiaes da guarda fiscal e da guarnição do Porto companheiros do morto e socios de todas as agremiações democraticas d'aquella cidade.



1. Missa campal no dia da inauguração do monumento ao almirante Barroso em frente dos escritórios da «Port of Pará».—2. Inauguração da estatua do almirante em Belem, Pará.

O almirante Barroso que nasceu n'uma casa do Chiado, em Lisboa, na qual ha anos mãos extremosas de admiradores da sua valentia poze: am uma lapide, acaba de receber a sua consagração no Pará, com a inauguração de uma estatua magnifica com a qual se celebram as suas façanhas, a sua larga e brilhante carreira militar.

Francisco Manuel Barroso da Silva foi



Em Arcos de Valdevez: Iluminação no campo Almirante Reis onde se realisaram ha pouco destumbrantes festejos

quem fez o bloqueio de Paraguay e ganhou a batalha de Riachuelo que lhe deu uma grande reputação e lhe valeu o titulo de barão do Amazonas, nome do barco em que fez toda essa audaciosa guerra. Cober o de gloria, o almirante Barroso morreu em Montevideu em 1882 recebendo agora a sua memoria a consagração do monumento ha dias inaugurado pomposamente.



O cortejo civico á Veiga da Matança

(«Clitché» do distinto fotografo R. Coelho, de Arcos de Valdevez).



O rei Frederico Augusto de Saxe fez uma viagem pelo Erzgebirge (montanhas metalíferas) de Saxe, a fim de tomar conhecimento das grandes indústrias n'aquelas paragens. O rei foi em toda a parte entusiasticamente saudado pelos povos. Primeiramente nas cidades de Oibersuban e Seiffen, o rei mostrou um grande interesse. Visitou muitos operários nas suas próprias habitações e examinou algumas fabricas. A nossa fotografia representa uma formosa menina saudando o rei em Oibersuban.



Excursão a Setúbal dos agentes da Mala Real Inglesa em Bruxelas, Paris, Holanda, Bremen, Zurick etc. Mesdames Richmuller, Bertolot, Mesdemoiselles Lucette Waroquier, Silvia Waroquier e Mr. Cormack empregado da Mala Real Inglesa em Londres, chegados a esta cidade no novo paquete «Alcantara» em 22 de Junho, tournée em que foram acompanhados pelo sr. Sabino Morais empregado do sr. James Rawes C.º agentes da Mala Real em Lisboa.



Sr. dr. Santos Viegas, reitor da Universidade de Coimbra, falecido recentemente.

O sr. dr. Santos Viegas, falecido ha dias em Coimbra, era o decano da faculdade de filosofia e homem d'um alto valor intelectual. Era diretor do observatorio meteorologico da Universidade e muito admirado pela sua ciencia. Contava 77 anos d'idade e o seu funeral foi uma verdadeira manifestação de saudade.



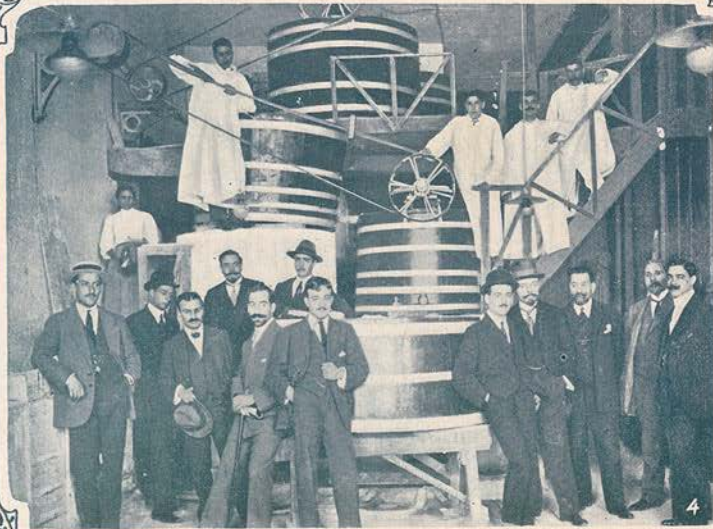
Sr. dr. Antonio Macleira, autor da tese «O Jurri comercial».

E' de um alto valor juridico o trabalho que o sr. dr. Antonio Macleira acaba de dar a publico e que é a sua tese como candidato a lugar de professor no grupo de ciencias juridicas da Universidade de Lisboa.

E' mais um trabalho que vem demonstrar, ainda uma vez, a alta capacidade intelectual do ilustre caudico.

O principe de Reuss, Henrique XXXIII, esteve ha dias em Lisboa onde foi acolhido com as atenções devidas á sua alta categoria sendo alvo das maiores gentilezas por parte dos membros do governo e de todas as autoridades que tiveram de lidar de perto com sua alteza.

Em casa do encarregado de negocios da Alemanha foi oferecido um banquete ao principio ao qual assistiram diversos diplomatas e o sr. ministro dos estrangeiros que tambem esteve a bordo do «Cap Arcona» na qual Henrique de Reuss seguiu para Hamburgo.



Na visita que ha dias fizeram os alunos do Instituto Tecnico, a convite da Sociedade de Produtos Oxigenados Limitada, á sua fabrica da agua oxigenada medicinal «Peroxydрил» e «agua industrial», ficaram agradavelmente impressionados, não só com a instalação da fabrica, como com os produtos do seu fabrico, que rivalisam com os do estrangeiro.

Os alunos do Instituto tecnico voltaram d'aquela fabrica bem elucidados sobre os seus produtos.

2. O principe de Reuss, Henrique XXXIII, na sua visita a Lisboa.—4. A visita dos alunos de quimica do Instituto Superior Tecnico á Empresa de Produtos Oxigenados («Clichés» Benoitel).



TEATRO



A SEMANA TEATRAL:

Emquanto no «Theatro da Republica» continua a ser aplaudida a revista «O Pão Nosso» e no «Coliseu dos Recreios» a companhia Caramba nos dá com a «Malbruk» e «O Capitão Fracassa», os ultimos exitos

de opera comica italiana, o «Politeama» abre as suas portas ás castanholas aos requebros e aos gorgeios da zarzuela.

A zarzuela é uma das paixões e um dos vicios do lisboeta que delira com o sapateado das «malagueñas», o sorriso ardente das andaluzas e com os compassos



1. ator Chabi Pinheiro, no 2.º quadro da revista «Pão Nosso».—2. O ator Noronha e a atriz Zulmira Miranda no «Fado». 3. O ator Inacio Peixoto no «Mr. Liru».



1. O ator com'co Nadal.—2. Maria Ferrer, 1.ª tiple de caracter.—3. O ator José Capistr director da companhia de zarzuela que está atualmente funcionando no teatro Politeama.



Uma cena dos comicos na peça «Capitão Fracasse», representada no Coliseu dos Recreios.

alegres de Chapi e de Brebon. Todos nós temos uns olhos de hespanhola na nossa mocidade — e talvez seja por isso, que a zarzuela tanto nos excita e comove.

D'antes, em chegando o segundo mez de primavera, a Imperio, a Pilar Marti, o Ortas ou o Nadal transportavam-nos ali, para o Republica, os cravos e os pateos de Sevilha, o sol de Cordoba e os pés pequeninos das madrilenas.

Passaram-se anos. A Pilar Marti não voltou — a «Verbena de la Paloma» emudeceu. Ha meia duzia de dias, o «Politeama» mandou dizer ao lisboeta que tinha ali a florinda, a irrequieta zarzuela — a zarzuela cantada, bailada d'outros tempos. E Lisboa foi em massa ao «Politeama» matar saudades e ouvir «Las Birlonas».

Infelizmente, circunstancias de ocasião não permitiram que essa zarzuela se apresentasse n'essa primeira noite, em



Mercieres Gay, 1.ª tiple de caracter

todo o seu esplendor. A companhia estava incompleta e indecisa. Mas de Madrid chega-nos Nadal, o velho e conhecido Nadar — e uma «tiple» nova, Inez Garcia, novas coristas e uma «pareja» de baile capaz de incendiar todas as decrepitudes e todas as calvices da capital.

Parece, pois, segundo todas as probabilidades, que vamos ter a verdadeira zarzuela «chica» — um pouco d'esse teatro, sempre interessante, em que ha qualquer coisa do sangue e do sol d'uma praça de toiros. Não sei até que ponto aquilo é teatro — nem sei até que ponto aqueles atores, com caras de papelão e bigodes mal colados, representam. Mas, que diabol, é ruído e alegria, é mocidade e é vida! Vamos lá assobiar o «Pobre Valbueña», — e «vivan nuestras hermanas!»

A. C.

(Clichés de Benoitte)



Concurso das Figuras Nacionaes



Difundir a Historia d'um povo é dar-lhe energias, vida, conhecimento do passado cujos exemplos de grandeza ficam como incitamentos e cujos horrores, cujos crimes, são como motivos de repulsa salvando os homens de os imitarem. A Historia tempera o caracter d'um povo e nenhuns episodios como os da vida portugueza podem ser exemplo e podem ser incentivo. São as lutas pela independencia e a conquista do territorio; depois a fórma brava de repelir o invasor; é o alargamento de dominios por marinheiros auzades em aventuras fantasticas e é a bravura, o cavalheirismo, a grande ação do passado palpitando para os vindouros.

Grandes fidalgos, reis, humildes soldados, padres, aventureiros e estoicos, bizardos e talhados n'uma só peça, as figuras nacionaes passam n'um rumor de batalhas, n'um fulgor de apotheoses nos livros velhos das cronicas e nos encantos das novelas que o nosso povo lê com infindo prazer.

Propagandear os feitos, mostrar o passado, é missão de grande alcance e o «Seculo», mais do que nenhum outro jornal, pela sua enormissima tiragem, dispôz-se a cumpril-a, publicando os feitos mais belos da «Historia das Figuras Nacionaes» por meio d'um util e pratico concurso do qual se tirarão além do ensinamento e do prazer da leitnra de magnificos trechos literarios, proveitosos brindes no valor de

QUARENTA RONTOS ou SEJAM CINCO MIL ESCRUDOS

Divididos nos mais variados e valiosos premios para todos os que cumprirem as

Condições do concurso

que são as seguintes:

«O «Seculo» publicará todos os dias, a partir do seu numero do dia 5, uma figura bem genuinamente nacional, acompanhada de um esboço historico que, em estilo impressivo, a evocará aos olhos do publico. Uma figura igual será recortada e os seus recortes dispersos indistintamente pelas paginas de anuncios do «Seculo».

O concorrente não tem mais que juntar esses recortes e colá-os em qualquer caderno de papel, de fórma de reproduzir exatamente a figura original que sae na primeira pagina.

Os cadernos devem conter uma coleção de

40 FIGURAS

e cada uma d'essas coleções será recebida na administração d'este jornal em troca de uma

SENHA NUMERADA

que habilitará o colecionador a entrar com o seu respetivo numero no

GRANDE SORTEIO

que indicará as pessoas felizes a quem devem caber os premios da lista que para esse fim, o «Seculo» vae organizar.

Estas coleções serão constituídas, como dissemos, por quarenta figuras, TODAS DIFERENTES, tendo em atenção que cada uma das que serão publicadas no Seculo Agricola, no Suplemento de Modas & Bordados e Seculo Comico valem por duas; as do Seculo, edição do Brazil e Colonias, valem por tres e as da Ilustração Portugueza por dez das do Seculo diario, que constitue, por assim dizer, a unidade.

Os assinantes ou compradores de todas as publicações d'este jornal podem organizar as suas coleções, indistintamente, com as figuras n'elas publicadas, de fórma que cada caderno contenha o valor representativo de quarenta figuras do «Seculo» diario.

Assim, por exemplo, vinte figuras do «Seculo» diario, duas do «Seculo do Brazil e Colonias», uma do «Seculo Comico», outra do «Suplemento de Modas & Bordados» e outra da «Ilustração» constituem um caderno representativo de quarenta figuras. Por esta ou por outra qualquer fórma se podem organizar estes cadernos de modo que sempre o seu valor seja de quarenta figuras.

Os colecionadores devem apresentar as suas coleções logo que estejam organisadas, a fim de se evitarem aglomerações que impeçam o seu regular exame. Os de Lisboa, ou que aqui tenham representante, entregal-as-hão diretamente e os das provincias podem envia-las pelo correio, sendo util enviarem junta uma estampilha de dois e meio centavos, para que a senha respetiva lhes seja enviada dentro de envelope, sem tanto perigo de extravio.

Aos leitores da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em que cada figura inserta vale por dez das publicadas no Seculo recomendamos o

Concurso das Figuras Nacionaes



SALON AUTOMOBILE

Os automoveis FORD

O "Salon Automobile" trouxe-nos uma revelação — o avanço da industria do automovel yankee.

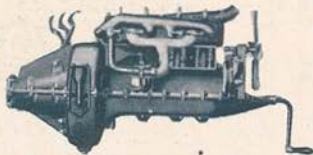
Algumas das boas marcas americanas ali expostas lograram chamar sobre elas as atenções do grande publico que visitou o notavel «certamen», desfazendo-se completamente a lenda que invadira o nosso mercado, de que os automoveis fabricados na poderosa America não tinham a resistencia que é para desejar n'um veiculo daquela natureza.

O «Stand» da Ford Motor Company uma das mais gigan-

arrojado e pratico, é um homem inteligente e de ousados empreendimentos.

Informado de que desejavamos conhecer de perto a sua marca predileta, aquele nosso amigo, depois de descrever-nos a grandiosidade desse monumental colosso que é a Ford—onde se fabricam mil «chassis» por dia, diz-nos:

«Desde o começo tem sido a mira da companhia construir um carro para a povo, um «carro universal», não uma opulencia, mas uma comodidade; um carro tão rasoavel em pre-



Lado direito do motor modelo T, mostrando as válvulas o sistema multiplo de admissão e descarga. Renovou-se uma placa das válvulas para mostrar a disposição das mesmas.



Descendo é provando os seus magníficos travões.

tescas fabricas do mundo, apresentava o seu modelo 20, H. P. carro barato mas forte, veloz e pratico, desses que correspondem aos desejos do fabrico das celebres officinas yankees.

Nesse «stand», o sr. Fernando d' Alcantara, a quem a Motor Ford Company encarregára de a representar no nosso paiz e aqui estabelecer toda a sua engrenagem commercial, informava o publico das qualidades do Ford.

Em boas mãos aquela monumental fabrica entregou os seus destinos, pois o sr. Alcantara, alem de ser um tecnico muito sabedor, um autentico automobilista

ço que todos possam compral-o. Logo no principio os carros «Ford» crearam um mercado pronto para si — um mercado que a Companhia, apesar do aumento das suas facilidades de fabricação e do enorme volume da sua produção não tem podido abastecer. Esta procura pelo carro «Ford» tem forçado o aumento de produção — e a grande produção tem-nos obrigado a baixar os preços de venda de automoveis, de modo que hoje o «Ford Modelo T» se vende por um preço que está ao alcance de todos.

Até agora já se venderam mais de 350.000 «Fords». Praticamente, de cada tres carros nas estradas

Mostrando a flexibilidade do aço vanadio. Um ferro guarda choques torcido em especial sem fractura.



Não ha melhor prova da riqueza e elasticidade do aço vanadio que o excentrico do modelo T indica n'esta gravura.



americanas um é da marca «Ford» — e a supremacia dos automóveis «Ford» é grande em todos os outros países do mundo.

A Ford Motor Company construe só um modelo, o chassis «Modelo T». De certo, várias carrocerias diferentes são usadas neste chassis; mas, afinal, depois de tudo dito, o chassis constitue o carro.

A razão porque o chassis é leve, com força, é por ser construído como uma ponte de aço, e o mínimo de metal — e porque é construído d'aço vanádio. E' o chassis mais forte e mais leve em existência.

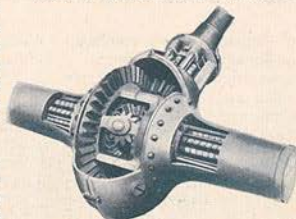
Uma das particularidades mais distintas do «Modelo T» é o seu maravilhoso e poderoso motor de construção simples e facil manejo. Comquanto os seus quatro cylindros, fundidos em bloco, sejam graduados para produzir força

carro de grande fama, geralmente aclamado como o carro melhor construído na França. Em todos os ensaios as peças «Ford» demonstraram ser infinitamente melhores.

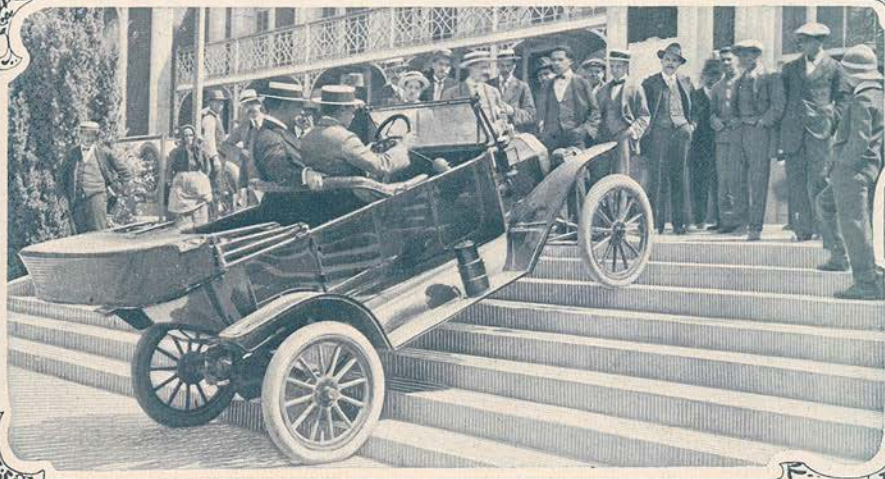
O limite elastico do «Ford» foi dado como 375 kilos e unicamente 295 para o outro; o limite elastico da «Ford», por milimetro quadrado, 56 kilos, e 30.4 para o seu concorrente. Em quebra, a «Ford» demonstrou ser cincoenta por cento a mais forte de ambas. As peças submetidas a choque eram do mesmo tamanho, e a do «Ford» venceu outra vez a sua ri-



Ampla evidencia de que as bestas «Ford» d'aço vanádio nunca reventarão



Diferencial modelo T tipo de tres pões obliques, celebres em todo o mundo pela sua simplicidade e funcionamento suave.



as proezas do Ford: subindo as escadas fronteiras á nave de vinte cavallos, o «Ford» tem realmente mais potencia, por cada libra que o carro pesa, do que qualquer outro automovel em existência. Não ha motor superior a este para subidas de montes.»

Alguem poderá julgar que fazemos uma asserção muito ampla quando dizemos que o «Ford Modelo T» é o carro mais forte em construção que existe no mundo, em consequencia da sua construção de vanádio. A verdade incontestavel desta asserção, comtudo, pode ser corroborada por numerosas provas. O aço vanádio foi submetido a ensaios apuradissimos, pelo governo francês, e os resultados d'estes ensaios devem satisfazer ate mesmo os mais céuticos. Os ensaios referidos foram dirigidos pelo departamento de ensaios do Conservatoire National des Arts et Metiers, que está sob a direção do Ministre du Commerce et de l'Industrie da república francesa.

Fez-se uma comparação scientifica e apurada entre dois aneis de biéla do fuso de governo, de tamanhos identicos um do carro «Ford Modelo T» e o outro dum

central do palac' o para mostrar a resistencia das suas molas, mostrando 3,450 kilos metricos d'absorção contra 3,250 do outro aço. Ainda que os dados acima sejam necessariamente da natureza técnica, no entanto, são muito convincentes para quem se interessa em automoveis. Provam concludentemente que o «Ford» é o carro mais forte do mundo. Emanando de tão elevada autoridade, estes dados são inquestionaveis, e devem ser aceitos como um notavel testemunho á qualidade «Ford».

O aço vanádio especial de «Ford» é da melhor qualidade que se emprega na construção de automoveis — e é necessariamente o mais caro. E' empregado para fazer todas as peças metálicas do carro «Ford», onde se requer solidez — e onde se faz qualouer esforço. O seu uso no automovel «Ford», em tão grande escala, demonstra ainda o que a Ford Motor Company faz para fornecer aos seus freguezes material da melhor qualidade que se pôde encontrar. Não se pôde dizer demasiado ácerca do aço vanádio de «Ford». E não se esqueça, que os automoveis construídos de vanádio «Ford» estão prestando inexcédível serviço em todo o mundo.



O eixo fronteiro d'aço vanádio do carro «Ford» pôde ser torcido, voltado ou mesmo dobrado sem mostrar a menor quebra ou fractura do aço.

Salon Automobile do Porto

O "STAND" WANDERER

A MAGNIFICA MARCA ALEMÃ DE MOTOCICLETAS DESTACA-SE ENTRE AS MELHORES

No palco na monumental nave d'um «stand» de ornações, exposeram os nos-

sos presados amigos srs. José Garrido & Salazar, á rua de Passos Manoel, n.º 18, alguns modelos da motocicleta que r e apresentam em Portugal — «A Wanderer».

A famosa marca, a mais elegante, a mais solida, robusta, confortavel, simples e de absoluta regularidade, logrou chamar



Um aspecto do «Stand» Wanderer

interessam pelo belo «sport» da motocicleta. «A Wanderer» no «Salon Automobile», como de

resto, em todos os certamens a que tem concorrido, em confronto com outras marcas, impoz-se pela sua admiravel construção e pela elegancia das suas linhas.

«A Wanderer»...

Possuil-a é ter uma companhia fiel, sempre pronta aos nossos caprichos.

E' a moto:cicleta ideal e o ideal dos motociclistas.

Salon Automobile do Porto

O "Stand" da casa Alvaro Veloso de Figueiredo

Muito interessante o «stand» da casa Alvaro Veloso de Figueiredo, que apresentou, d'um modo de-

veras original, os seus oleos para lubrificação d'automoveis e motocicletas, fornecidos pela grande Companhia Americana «Standard Oil Company». Sobre um grande espelho, collocado verticalmente n'uma elegante armação de metal, estavam dispostos 5 barris, com as marcas d'origem.

D'essas vasilhas saiam tubos de vidro que iam prender-se a outros cinco



Um aspecto do «Stand» no «Salon Automobile» da casa Alvaro Veloso de Figueiredo, do Porto.

barris colocados na parte inferior, e através dos tubos via-se passar as gotas d'oleo, que desciam

rápida ou lentamente, conforme a viscosidade e densidade dos oleos, cada um dos quaes tem a sua aplicação, indicada segundo o tipo dos motores a lubrificar.

Um folheto distribuido gratuitamente, apontava as características das cinco amostras apresentadas.

Este «stand» atraiu a atenção de todos os visitantes do «Salon Automobile».



CONTRA a
ASTHMA
 o PÓ
 de **ABYSSINIA**
EXIBARD
 attóir
 instantanea mente

H. F. ... E. SLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle, Paris.

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
 Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

— CAPITAL —

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização	266.400\$000
Réis	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietarias das fabricas do Prado, Marianaiia e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saúde, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **Y. TALO**, 35, Boulevard Bonne-Nonnelle, 35 - PARIS.

Sederia Schweizer

de porte a domicilio
 Últimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em vestidos e peluches. Peça-m as nossas amostras franco.

Schweizer & Co., Lucerne E. II
 Suissa

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

CRÈME DEPILATORIO pronto a empregar. Efeito garantido. Perfumado. Tira rapidamente, a penugem, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo.

Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele.— Envio discreto e franco contra vale do correio de \$80 centavos.

REPRESENTANTE: **JULES DELIGANT**
 15, Rua dos Sapateiros—LISBOA

Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello **Viteri**

preparado desde 88: pela PHARMACIA BARRETO. — Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengorçando o penteado das senhoras. Regenera a cõr primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisados e ondedados. Não contém enxofre. Frasco 700 reis —Para fóra de Lisboa mais 100 reis para porte e registro. Depósito geral

VICENTE RIBEIRO & C.^a - 84, R. Panqueiros, 71 - LISBOA

PETRÓLEO GAL

o melhor
para o cabelo.



R. Ehrmann.